

# SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SALAS REGULARES: UMA PARCERIA IMPRESINDÍVEL AO PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL<sup>19</sup>

## MULTIFUNCTIONAL RESOURCE CLASSROOMS AND REGULAR CLASSROOMS: AN ESSENTIAL PARTNERSHIP TO THE EDUCATIONAL INCLUSION PROCESS

**Irene Elias Rodrigues**  
Universidade do Estado do Pará

### Resumo

O objetivo da pesquisa foi evidenciar a importância do trabalho integrado entre os profissionais que atuam em salas regulares com proposta inclusiva e os que atuam nas salas de recursos multifuncionais, estabelecendo parâmetros de similaridades e divergências na execução desse binômio. O foco da pesquisa foram duas escolas municipais, que desenvolvem suas ações numa perspectiva inclusiva. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, que permitiu a análise das interações, a percepção de opiniões e a interpretação dos comportamentos e atitudes específicas de cada participante. Os resultados obtidos, através do estudo realizado, nos possibilitaram identificar, entre outros aspectos: o nível de integração existente entre o trabalho desenvolvido na sala de recursos multifuncionais e sala regular, a disponibilização e utilização de recursos didáticos de cada sala, o nível de conhecimento dos profissionais sobre o processo de inclusão e a forma como o trabalho é executado nos dois ambientes escolares. O material bibliográfico utilizado na construção do documento final foi composto de livros e artigos de vários autores, além de revistas, textos e outras informações obtidas através dos diferentes meios de comunicação. Esperamos contribuir para redimensionar a ação pedagógica, transformando-a em um processo em que o conhecimento e a práxis de cada profissional possam ser socializados com a equipe escolar, possibilitando uma renovação contínua, dinâmica e socializadora, em que alunos, professores, pais e comunidade sintam os efeitos positivos da ação/transformação. Acreditamos, dessa forma, estar colaborando com o processo de inclusão em uma perspectiva crítica e inovadora, capaz de fazer a diferença na ação educativa.

**Palavras-chave:** Educação. Salas de recursos multifuncionais. Inclusão Educacional

### Abstract

The aim of the research is to highlight the importance of integrated working between professionals that work in regular classrooms with inclusive proposal and those who work in multifunctional resource classrooms, establishing parameters of similarities and differences in implementing these two environments. The focus of the research is on two state schools, which develop their actions in an inclusive perspective. The methodology used was a research of qualitative type that allowed the analysis of interactions, the perception of opinion and the interpretation of specific behaviors and attitudes of each participant. The results obtained through the study led us to identify, among other things: the level of integration between the work in the multifunctional resource classroom and regular classroom, the availability and use of teaching resources of each classroom, the level of knowledge of professionals about the inclusion process and the way the work is performed in both schools environments. The bibliographic material used in the construction of the final document was composed of books and articles by many authors, as well as magazines, texts and other information obtained from different media. We hope to contribute to resize the pedagogical action transforming it into a process in which knowledge and practice of each professional can be socialized with school staffs, making real a continuous renewal, both dynamic and socializing, in which students, teachers, parents and community feel the effects of the positive action / transformation. We believe, this way, to contribute to the process of inclusion in a critical and innovative perspective, in such a way it can make the difference in the educational action.

**Key-words:** Education . Multifunctional resources classroom . Educational inclusion.

<sup>19</sup> Trabalho apresentado no V Congresso Brasileiro de Educação Especial – V CBEE e VII Encontro Nacional dos Pesquisadores da Educação Especial – VII ENPEE realizado pela Universidade Federal de São Carlos – UFSC, em novembro de 2012.

## Introdução

A legislação brasileira, em suas diferentes instâncias, estabelece a obrigatoriedade da oferta de vagas, no ensino regular, para as pessoas com necessidades educacionais especiais, assegurando-lhes serviços de apoio especializado que, integrados à escolaridade básica, deveriam funcionar como suporte ao processo de inclusão. Considerando que

a inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas, (especialmente as de nível básico) ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada (MANTOAN, 2003, p.57).

Não temos dúvidas de que o processo de inclusão desenvolvido nas Unidades de Ensino está pautado no compromisso de aceitar a diversidade como característica natural do ser humano. Receber o aluno na escola não significa incluí-lo. É necessário oferecer-lhe todas as oportunidades para que possa desenvolver-se como cidadão. Nesse sentido, o tema abordado *Salas de Recursos Multifuncionais e salas regulares: uma parceria imprescindível no processo de inclusão educacional* nos permitiu focar os seguintes aspectos do trabalho educativo: a contemplação no projeto político pedagógico de ações inclusivas; o nível de relacionamento entre os professores que atuam na sala de ensino regular com proposta inclusiva e aqueles que atuam nas salas de recursos multifuncionais; os procedimentos didáticos utilizados pelos professores de ambas as salas; o nível de conhecimento dos profissionais da escola sobre a operacionalização do processo de inclusão; a percepção desses profissionais sobre o trabalho desenvolvido na escola e a satisfação dos alunos que necessitam frequentar as duas modalidades de atendimento.

Na construção do trabalho, foram utilizados vários documentos disponibilizados pelas escolas e pelos professores, além de um acervo bibliográfico constituído de textos de diversos autores, livros, artigos, anotações de sala de aula, informações obtidas em seminários, congressos, internet, revistas etc. Os instrumentos de pesquisa utilizados para obtenção das informações foram entrevistas semiestruturadas, observações do trabalho docente e da vivência do cotidiano escolar e conversa informal com profissionais que atuam nas unidades de ensino, objeto da pesquisa. A análise dos dados coletados teve como suporte o objetivo da pesquisa, as questões norteadoras e os aspectos que deveriam servir de sustentação para a elaboração do documento final. Esperamos que nossos achados possam servir de reflexão, ocasionando as mudanças que se fizerem necessárias ao processo de inclusão.

## Referencial Teórico

A pesquisa foi realizada no município de Tucuruí-Pará, que, em função da implantação de dois grandes projetos do Governo Federal, apresenta uma população formada por pessoas de diferentes partes do Brasil, o que possibilitou aos seus habitantes a convivência com um processo multicultural intenso, em função da absorção das diferentes culturas trazidas de outras regiões.

As escolas pesquisadas pertencem à rede municipal de ensino e estão localizadas em uma vila administrada

pela ELETROBRAS/ELETRONORTE, onde a maioria das famílias possui vínculo empregatício com essa empresa ou com outras prestadoras de serviço ou mesmo com órgãos dos governos federal, estadual e municipal. A exceção está em uma comunidade residente em uma ocupação, localizada às margens do Lago, cuja formação é de pescadores ou pessoas relacionadas a esse tipo de atividade. Essa diferença traz, para as escolas pesquisadas, uma diversidade de saberes e culturas, capaz de facilitar a execução de uma ação diversificada e enriquecedora, o que, certamente, contribui na construção do processo de inclusão.

Construir e cultivar políticas de inclusão pressupõe planejar novas formas de atuação, com intencionalidade e ousadia, a fim de que os aspectos criativos do trabalho docente possibilitem novas formas de intervenção que garantam a participação de todos em diferentes campos de atuação e em diferentes espaços. Aqui, mais uma vez, o sujeito professor entra em cena, na medida em que planejar é pensar e criar estratégias. O pensar é um ato individual, mas não é solitário. Afinal, não podemos esquecer que ninguém pensa sozinho. Pensar envolve ouvir e ser ouvido pelos outros. É no pensar com o outro e para o outro que o professor pode encontrar as estratégias adequadas a cada tipo de situação e problema enfrentado (SANTOS; PAULINO, 2008, p. 62).

Como podemos observar nas considerações de Santos e Paulino, a convivência com a diversidade nos obriga a buscar estratégias diferenciadas de trabalho e pensar de forma cooperativa na busca de soluções para os diferentes desafios que a arte de educar nos coloca.

A proposta de inclusão de todos como participantes da produção social, cultural e econômica enfatiza a igualdade concreta entre os sujeitos, com o reconhecimento das diferenças no aspecto físico, psicológico e cultural. A diversidade não se opõe à igualdade. A desigualdade socialmente construída é que se opõe à igualdade, pois supõe que uns valem menos do que os outros. O enfrentamento e a superação dessa contradição são tarefas cotidianas em uma proposta de Educação Inclusiva (LIMA, 2006, p. 21).

Como nos coloca Lima, na efetiva ação inclusiva, é importante que cada elemento do processo reconheça a sua importância sem deixar de respeitar a importância do outro, pois para que haja de fato a inclusão é preciso superar as adversidades e aceitar as diferenças.

Nessa perspectiva, é necessário que a escola represente para o aluno um espaço de acolhimento, garantia e permanência de todos sem nenhum tipo de distinção. E para que isso seja uma realidade, o Ministério da Educação, ao implementar a política de inclusão, buscou assegurar a reestruturação do sistema educacional de modo a garantir a todos os alunos os mesmos direitos e oportunidades. Nesse sentido, a Sala de Recursos Multifuncionais surge como mais uma alternativa que objetiva favorecer o processo de inclusão educacional, oportunizando aos alunos os suportes educacionais básicos que deverão implementar e complementar a ação pedagógica oferecida na e pela escola.

Segundo o parecer Nº 17/2001 do CNE/CEB:

[...] Todos os alunos, em determinado momento de sua vida escolar podem apresentar necessidades educacionais especiais, e seus professores em geral conhecem diferentes estratégias para dar respostas a elas. No entanto, ex-

istem necessidades educacionais que requerem, da escola, uma série de recursos e apoios de caráter mais especializados que proporcionem ao aluno meios para o acesso ao currículo.

A preocupação do Ministério da Educação, embora seja pontual na educação especial, alerta para o atendimento diversificado de todos os alunos que dele necessitem temporária ou definitivamente.

O Decreto Nº 7.611 de 17 de novembro de 2011 estabelece:

Art. 2º A educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superlotação.

As salas de recursos multifuncionais devem funcionar como suporte no processo de aprendizagem permitindo ao aluno acesso ao conhecimento. Constitui-se como parte diversificada do currículo e não pode ser entendida como reforço ou recuperação de aprendizagem nem se caracterizar como mera repetição dos conteúdos programáticos já desenvolvidos em sala do ensino regular.

Por um lado, o professor que atua na sala de recursos multifuncionais precisa entender que a sua função deve extrapolar as ações internas da sala, estendendo-se ao apoio de professores que atuam com o processo de inclusão em salas regulares, de modo a ajudá-lo na busca de alternativas diferenciadas que lhe permitam a realização de um trabalho mais eficiente e socializador. E por outro lado, a sala de aula é um espaço onde a diversidade e a diferença precisam ser entendidas como elementos construtores do desenvolvimento. É um espaço escolar que se diferencia em função das relações e ações que ocorrem em seu interior. O professor e os alunos, considerados as figuras principais da sala de aula, se relacionam em um processo de encontros e desencontros configurado na diferença e semelhança existente entre eles.

Assim, o espaço da sala de aula precisa estabelecer um clima saudável, facilitador da aprendizagem. O professor precisa desenvolver ações educativas a partir do conhecimento do aluno. Para que isso ocorra, o professor precisa assumir o papel de mediador do saber respeitando seus alunos, reconhecendo e valorizando os seus saberes, despertando neles atitudes de busca, de investigação e de pergunta. Nesse processo de ação, reflexão, ação, o aluno aprende a pensar e entender como se constrói o seu próprio conhecimento. A sala de aula, portanto, deve ser o palco das experiências prazerosas e exitosas, capaz de transformar o processo de ensino-aprendizagem em algo que instigue alunos e professores a seguir em frente, acreditando que mesmo com excelência o melhor está por vir.

Para que ocorra uma ação integrada no processo educativo, o planejamento se constitui como elemento articulador entre os diferentes segmentos, de modo que cada participante seja, ao mesmo tempo, idealizador, planejador e executor da ação, possibilitando sistematicamente a análise reflexiva de todo o processo

Ao falar sobre o planejamento, Esclarín (2002, p. 134) assim se expressa:

Só educaremos para a vida se a escola, os programas, os conteúdos estiverem imersos na realidade e na vida cotidiana do aluno, de sua família, do bairro, do povoado,

da cidade, do país. O autêntico planejamento parte da experiência, dos saberes, sentimentos e necessidades dos alunos, de tal modo a mergulhar a prática escolar na prática social cotidiana de suas vidas.

Como é possível percebermos, o planejamento da prática docente precisa ser articulado com a realidade vivenciada na e pela escola, que se fortalece através da participação de seus diferentes segmentos e pela somatória de experiências e saberes de cada cidadão.

E nessa caminhada contínua em busca da eficiência docente é importante perceber a concepção de Campbell (2009, p. 159):

Professor eficiente é aquele que observa seus alunos, percebendo suas dificuldades, potencialidades, e desenvolve práticas que visam, ao máximo, ao desenvolvimento de cada um e de todos, utiliza métodos diferenciados de ensino e de avaliação, respeitando as limitações de cada um, buscando formas cooperativas e colaborativas que propiciem a integração do conjunto de seus alunos.

O professor precisa executar suas atividades sem perder de vista a necessidade e a especificidade de cada aluno da turma e do conjunto de experiências trazidas para a sala de aula. É pela diversidade que aprendemos a construir alternativas diferenciadas de aprendizagem.

Segundo os PCN (1998 - Introdução):

O currículo como ferramenta básica de escolarização; busca dimensionar o sentido e o alcance que se pretende dar às adaptações curriculares como estratégias e critérios de atuação docente; e admitem decisões que oportunizam adequar a ação educativa escolar às maneiras peculiares de os alunos aprenderem, considerando que o processo de ensino-aprendizagem pressupõe atender à diversificação de necessidades dos alunos na escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais flexibilizam a utilização de diferentes estratégias de ação docente, desde que tais ações contemplem a diversidade e a necessidade de cada aluno. A adaptação curricular não pressupõe, necessariamente, mudança de currículo e sim ajustes que possam facilitar a aprendizagem do aluno.

A inclusão impõe o diálogo entre os mais diversos profissionais e organizações e torna-se um aprendizado para que as portas sejam mantidas abertas para um constante ir e vir de todos os atores envolvidos: alunos, professores, especialistas e profissionais da área da saúde (BATISTA, 2008, In: MANTOAN, 2008, p. 128).

O processo educativo é necessariamente dialógico, não podemos fazer educação de forma isolada. O fluxo de comunicação permite a troca de saberes e experiências que se acumulam, construindo as competências e habilidades que permitirão aos professores e alunos a elaboração de conceitos e práticas pedagógicas que servirão de alicerce para a troca contínua de conhecimentos.

No percurso da inclusão, os professores irão ampliar e elaborar suas competências e habilidades a partir das experiências que já têm. A formação continuada considera a formulação dos conhecimentos do professor, sua prática pedagógica, seu contexto social, sua história de vida, suas singularidades e os demais fatores que o conduziram a uma prática pedagógica acolhedora (FIGUEREDO, 2008: In MANTOAN, 2008, p. 144).



Elaborar um programa de formação continuada é possibilitar aos profissionais de educação a convivência com novas experiências e o repensar de sua prática pedagógica, sem ignorar a sua história de vida. Através de um programa de formação continuada, cada professor vai descobrindo novas alternativas que viabilizem a sua praxe e transforme o difícil em exequível e o inaceitável em possível e, assim, a construção da inclusão educacional deixa de ser um ato isolado e passa a se constituir em um processo participativo e socializador, em que as salas de aula regulares ou as salas de recursos multifuncionais serão espaços físicos onde se efetiva, de fato, o exercício da cidadania.

## **Objetivos**

### **Geral**

- Analisar o nível e forma de articulação existente entre as atividades desenvolvidas nas salas regulares com proposta inclusiva e nas salas de recursos multifuncionais e sua interferência no processo de inclusão educacional.

### **Específicos**

- Identificar as alternativas de ações integradas que se processam na sala de recursos multifuncionais e salas regulares.
  - Verificar como é executado o trabalho pedagógico em cada um dos espaços estudados.
  - Elencar as facilidades e dificuldades que ocorrem na viabilização de um trabalho cooperativo entre os profissionais da educação.
  - Identificar os avanços conquistados pela escola com a implantação da inclusão.

## **Metodologia**

A pesquisa foi realizada por meio da abordagem qualitativa que, segundo Oliveira (2002), possibilita analisar as interações, apresentar contribuições no processo de mudança, detetar a formação de opiniões de grupos e a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos em maior profundidade.

Ao referir-se sobre pesquisa qualitativa, Creswell (2007) explicita que ela ocorre em cenário natural, onde o pesquisador realiza o trabalho, o que lhe permite desenvolver um nível de detalhes sobre a pessoa ou local pesquisado e se envolver com as experiências reais dos participantes.

Moreira e Caleffe (2007) consideram a pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação.

Todas as características elencadas pelos autores citados fundamentam a opção da escolha pela pesquisa qualitativa por tratar-se de um trabalho que necessita do envolvimento do pesquisador com o contexto a ser pesquisado.

## **Resultados**

Após a aplicação e análise dos instrumentos utilizados na pesquisa, os resultados obtidos foram os seguintes:

- Quanto à sala de recursos multifuncionais

A sala de recurso multifuncional está instalada em espaço pequeno, não se equiparando ao espaço físico de uma

sala de aula regular. Possui um número significativo de materiais didáticos, porém alguns subaproveitados ou pouco utilizados.

O tempo disponibilizado ao atendimento do aluno, em alguns casos, não é utilizado em sua totalidade, o que prejudica a sistematização do trabalho.

Existe pouca articulação profissional entre os professores que atuam nas salas multifuncionais e os demais professores de sala comum com alunos inclusos.

O atendimento na sala de recursos multifuncionais é feito no contraturno em que o aluno estuda, o que ocasiona, em alguns casos, ausência ao atendimento complementar.

Mesmo tendo sido observado interesse das professoras na realização das atividades, é importante ressaltar que falta comprometimento com o resultado do trabalho, ainda funciona na base de o sucesso é nosso e o fracasso é do aluno.

Santos e Paulino (2008), ao tratarem sobre a utilização de estratégias diferenciadas, na aprendizagem dos alunos, consideram a ação dialógica do professor como um ponto importante na ação educativa, uma vez que é através do processo interativo que o professor pode encontrar formas diferentes de ultrapassar os obstáculos enfrentados em suas atividades diárias. Como foi possível observarmos, falta maior interação profissional entre os professores das salas regulares e salas de recursos multifuncionais, o que compromete o trabalho e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos.

Mantoan (2008), ao se reportar sobre as dificuldades dos alunos, alerta para a forma de ministrar o ensino, a concepção de aprendizagem e a avaliação implícita no conceito de cada professor. Para a autora, esses aspectos podem fazer a diferença no processo de inclusão. Considerando a forma como os professores percebem o nível de desempenho dos alunos, é perceptível a ausência desse tipo de concepção, na medida em que “o sucesso é nosso e o fracasso é do aluno”.

Outro aspecto evidenciado está relacionado às dimensões físicas das salas multifuncionais. Observamos um reaproveitamento de espaço, o que se contrapõe às considerações de Mantoan (2008), que defende necessidade de as escolas empreenderem esforços de modernização e reestruturação de suas condições físicas para que se efetive, na prática, o processo de inclusão. Isso implica não apenas aproveitamento de espaços, mas, sobretudo, condições adequadas tanto de espaço físico quanto de materiais, capazes de garantir o desempenho de uma atividade eficiente.

- Quanto às salas de aula com proposta inclusiva

O espaço físico é adequado, entretanto, não dispõem de material didático necessário para a realização de um trabalho pedagógico eficiente. A maioria dos professores disponibiliza recursos próprios para aquisição de alguns materiais que consideram importante para sua atuação docente.

O trabalho desenvolvido, geralmente, é uniforme, com pequenas diversificações/adequações, o que compromete o bom desempenho dos alunos, principalmente, daqueles cujos níveis de dificuldade é mais acentuado.

O número de alunos em sala de aula é considerado excessivo, impedindo a realização de atividades específicas para os alunos que mais necessitam.

Não existe articulação entre as professoras que atuam na sala regular com proposta inclusiva e as professoras que atuam nas salas de recursos multifuncionais no que diz respeito ao trabalho desenvolvido com o aluno especial, o que acaba subtraindo esforços, trazendo, com isso, lentidão no processo.

Cada professor busca alternativas diferenciadas para resolver os problemas que surgem e atender às necessidades de seus alunos.

Existe duplicidade de cobrança nas ações docentes, isto é, as professoras são cobradas pelos assessores pedagógicos do ensino regular e pelos da equipe de inclusão.

As professoras não se sentem subsidiadas para trabalhar com a inclusão e reclamam a sua não participação nas reuniões semanais de professores das salas multifuncionais com a equipe de inclusão, o que, segundo elas, poderia ajudar na operacionalização do trabalho docente.

O trabalho pedagógico desenvolvido na sala comum é direcionado para o grupo de alunos que integram a turma e não para o atendimento das necessidades específicas de cada aluno.

As professoras demonstram compromisso com o trabalho, mesmo reconhecendo que necessitam de mais conhecimento sobre o processo de inclusão e mais orientação de como trabalhar com os alunos inclusos, porém, da mesma forma que as professoras das salas multifuncionais, só se sentem parte do trabalho quando esse é exitoso, em caso contrário, a culpa sempre é do aluno ou da família.

O planejamento dos professores da sala de recursos multifuncional e da sala de ensino regular é feito separado, não permitindo integração e troca de experiências.

Não nos foi possível perceber um procedimento metodológico específico nem na sala multifuncional nem na sala comum, o que nos foi possível detectar é que o trabalho se desenvolve de forma rotineira com algumas alternativas facilitadoras de aprendizagem, como: trabalho em grupo, exposição dialogada, construção e exposição de trabalhos referentes a temas abordados, entre outros.

Segundo informações das professoras, o currículo sofre pequenas adequações para atender às necessidades dos alunos em sua totalidade. No caso dos alunos com necessidades especiais, elas procuram alternativas diferenciadas para adequar os conteúdos previstos às especificidades de cada aluno, buscando diferentes formas de abordagem do conteúdo e respeitando o ritmo de seus alunos.

As maiores dificuldades apontadas pelos professores entrevistados estão relacionadas à falta de conhecimento sobre o processo de inclusão associado ao pouco tempo de trabalho com alunos especiais. Outro fator elencado foi a ausência de cursos de formação relacionados à operacionalização do processo.

As reclamações mais evidentes são relacionadas ao trabalho com alunos cegos, com deficiência auditiva e deficiência mental, que, segundo os professores, inspiram mais preocupação e exigem mais conhecimento.

Outro aspecto abordado relaciona-se às condições que as escolas oferecem para o atendimento do aluno especial, que, na opinião dos professores entrevistados, não difere muito dos alunos considerados normais. A escola ainda não assumiu, de fato, o processo de inclusão, o que torna o trabalho mais lento e pouco produtivo.

A formação continuada ainda é um sonho acalentado por todos os professores. Na realidade, não existe, nem por parte da Secretaria de Educação nem pela equipe de inclusão, um programa estruturado de formação continuada.

Nas abordagens evidenciadas pelos professores e pelas observações feitas durante o período da pesquisa, fica clara a necessidade de redimensionamento tanto das ações docentes quanto de medidas administrativas que viabilizem a execução de um trabalho acadêmico promissor. Para Figure-

do (2008, In: Mantoan2008), trabalhar com o processo de inclusão, permite ao professor a ampliação de suas competências e habilidades. O aprimoramento de suas ações está consubstanciado em um programa de formação continuada, que assegura ao professor a formulação de conhecimentos, a prática pedagógica, o contexto social e os demais fatores que possibilitam uma aprendizagem significativa. Como é fácil verificarmos, essa realidade ainda não é vivenciada pelos profissionais que atuam com proposta inclusiva.

Considerando que a Declaração de Salamanca (1994) reafirma a urgência da educação para todos e reconhece a importância do trabalho da escola para a criação de comunidades solidárias e construção da sociedade inclusiva e tendo como suporte as colocações defendidas por Feltrim (2007) de que só podemos avançar em direção às escolas inclusivas com esforço conjunto de todos os segmentos da sociedade e desde que possamos proporcionar apoio e serviços que se coadunem com as necessidades dos alunos, não resta dúvida, de que é necessário, urgentemente, que seja realizado um processo de reflexão e reconceitualização das ações docentes para que possamos caminhar rumo à inclusão.

### Considerações finais

Após um intenso trabalho em que tivemos a oportunidade de vivenciar o processo de inclusão, tendo como suporte a sala regular e a sala de recursos multifuncionais, concluimos que a prática inclusiva ainda está muito distante dos princípios estabelecidos pela Declaração de Salamanca. A sala de recursos multifuncionais ainda não consegue desempenhar, de forma satisfatória, a sua função e os alunos acabam passando pela escola sem entender com clareza a razão de sua permanência em dois ambientes distintos que não se completam, não interagem, não compartilham experiências e no desenvolvimento de atividades isoladas, pouco contribuem para o desenvolvimento integral do aluno.

É importante e urgente um redimensionamento do trabalho desenvolvido nas escolas com proposta inclusiva, de modo que o alcance dos objetivos propostos represente o anseio de todos que constituem a escola e que o caminho traçado para se chegar a eles, mesmo que diferenciado, tenha o mesmo ponto de chegada. Na escola, o trabalho pedagógico só tem sentido se todos os segmentos estiverem comprometidos em realizá-lo de forma integrada. Para maior clareza sobre as situações vivenciadas, especificamos os principais entraves de cada ambiente estudado propondo alternativas viáveis para sua solução.

Nas salas de recursos multifuncionais, existe o interesse das professoras na realização do trabalho docente, porém elas necessitam de maiores embasamentos teóricos e práticos, inclusive na utilização adequada do material disponível em sala, de modo que se sintam mais seguras na sua atuação.

Não observamos o envolvimento, de fato, no trabalho. É preciso acreditar, sentir-se parte, vibrar, empolgar-se com todo e qualquer crescimento. É fundamental o aluno conhecer o que está sendo planejado para seu desenvolvimento. A família deve ser um ponto de integração imprescindível para o sucesso do trabalho, ela deve acompanhar as atividades para poder ajudar em casa. O que constatamos é que a família é ausente e, as poucas vezes, em que traz o aluno, fica de fora da sala, não tendo a oportunidade de aprender para ensinar.

Para sanar essas dificuldades, sugerimos maior inter-  
Revista Cocar. Belém, vol. 8, n.15, p. 41-47/ Jan-Jul 2014 - 45

gração entre os professores que atuam nas salas de recursos multifuncionais e os demais professores da unidade de ensino, principalmente aqueles que trabalham com o processo de inclusão. É dessa integração e troca de experiências que o trabalho se torna enriquecido. A equipe de inclusão precisa estender mais o foco de abrangência do trabalho e incluir todos os professores das unidades escolares no processo de capacitação, a fim de eliminar a ideia de que aluno especial não consegue aprender. É necessário maior investimento da Secretaria de Educação em capacitação dos profissionais, principalmente, no que concerne ao processo de inclusão. É importante que o profissional de educação perceba-se como participante no caminho do aprender, considerando o seu resultado como uma ação conjunta.

Nas salas comuns, com proposta inclusiva, a maioria dos professores demonstra interesse em realizar um bom trabalho, entretanto, eles alegam falta de conhecimento, o que lhes atribui insegurança no lidar com as diferenças. Isso faz com que não se sintam presentes no trabalho, não vislumbrem a ação como sendo conjunta, consideram-se apenas executores do projeto, o que, de certa forma, não lhes confere o comprometimento com o resultado da ação educativa. O planejamento precisa ser mais focado nas potencialidades e limitações de cada aluno. A família deve ser mais presente na escola, a presença contínua da família na escola contribui significativamente para o sucesso do trabalho.

Diante desses fatos, recomendamos maior integração entre os professores, discutindo e estudando, juntos, alternativas diferenciadas de ação docente, capazes de alavancar o desenvolvimento dos alunos em todos os aspectos. Para que isso ocorra, é importante a presença sistemática da família como parceira do trabalho.

## Referências

ALVES, D. de O. **Sala de Recursos Multifuncionais: espaços para atendimento educacional especializado**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Brasília, 2006.

BRASIL. – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diferentes Diferenças: Educação de qualidade para todos**. São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2006.

BRASIL **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares - Estratégias para a educação de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 1999.

CAMPBELL, S. I. **Múltiplas Faces da Inclusão**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2009.

CURY, C. R. J. **Políticas Inclusivas e Compensatórias na Educação Básica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

ESCLARÍN, A.P. **Educar Valores e o Valor de Educar**. São Paulo: Paulus, 2002.

FELTRIM, A. E. **Inclusão Social na Escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença**. São Paulo: Paulinas, 2007.

LIMA, P. A.; VIEIRA, T. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

MANTOAN, M. T. (Org.) **O desafio das Diferenças nas Escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Deve também haver uma melhor seleção dos profissionais que atuam com o processo de inclusão para que a escolha seja espontânea sem que a atividade represente um castigo ou uma obrigação. O professor precisa ser instigado ao desafio e aceitá-lo, do contrário, realizará um trabalho insatisfeito cujo resultado não poderá ser positivo. É necessário que a equipe de inclusão faça o acompanhamento do trabalho desenvolvido em salas comuns, possibilitando a articulação entre os professores de sala comum e multifuncional, com vistas à continuidade nas ações e busca de objetivos similares.

Acreditamos que é possível trabalhar a inclusão de forma integrada. Precisamos entender que os recursos disponibilizados na escola para o atendimento dos alunos com necessidades educacionais especiais estão agrupados em uma sala apenas para otimizar o trabalho e não para dificultar a vida do aluno. Só podemos construir avanços se soubermos repartir os saberes e compartilhar as experiências, do contrário, passaremos a vida inteira lamentando o que não fomos capazes de fazer sem termos refletido sobre o que fomos capazes de mudar para conseguirmos realizar o óbvio.

A parceria entre a sala regular e a sala de recursos multifuncionais é uma condição imprescindível para o sucesso da inclusão educacional. É na troca de informações, entre os professores, que se realiza a reflexão e o replanejamento da ação educativa que vai gerar novas oportunidades de aprendizagem para o aluno e isso só é possível quando a humildade superar a arrogância, a soma superar a subtração, o comprometimento superar o compromisso e o amor superar a ignorância. Vencidos esses obstáculos, educadores e educandos estarão sendo beneficiados com a construção de uma sociedade cidadã.

MITTLER, P. **Educação Inclusiva: Contextos Sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MORAIS, R. de. **Sala de Aula: Que Espaço é esse?** 3 ed. Campinas: Papiros, 1988.

PERRENOUD, P. **Pedagogia Diferenciada: Das intenções à ação**. Porto Alegre. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PERRENOUD, P. **A Pedagogia na Escola das Diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RODRIGUES, I.E. **A Inclusão de Pessoas com necessidades Educacionais especiais no Processo Educativo Escolar: uma experiência inversa**. Tese de Doutorado – PUC – Rio de Janeiro, 2010

SANTOS, M. P.; PAULINO, M. M. **Inclusão em Educação: culturas, políticas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2008.

SASSAK, R. K. **Inclusão – Construindo uma Sociedade para Todos**. Rio de Janeiro: Editora WVA, 1999b.

SOUZA, R. de F. **Cultura escolar e Currículo: aproximações e inflexões nas pesquisas históricas sobre conhecimentos e práticas escolares**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

TUCURUÍ, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico. **História de Tucuruí**: documento impresso, 2000.

## **Sobre a autora**

Irene Elias Rodrigues.

Doutora em Ciências Humanas - Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora da Universidade do Estado do Pará. Integra o Grupo de Pesquisa Educação Popular na linha de Educação Inclusiva e Diversidade e a Rede Educação Inclusiva na Amazônia Paraense da Universidade do Estado do Pará.

Recebido em: 15/09/2013

Aceito para publicação em: 17/11/2013